

# TODO XAMÃ É UM ARTESÃO DE PANEIROS

PAULO NUNES

Mestre em Letras - Professor da  
Universidade da Amazônia - UNAMA

Quando o conheci? Acho que pelos idos de 85, numa comemoração dia do poeta promovida pela livraria do autor paraense, da SEMEC, encabeçada por Manuel Vera Cruz. O grupo *Mãos Dadas*, que a Josse então coordenava no Deodoro de Mendonça, declamava o “Ver-o-Peso”. Um jogral? Nós, tremíamos feito vara verde, porque ele estava ali, corpo presente, olhos atentos. Não tínhamos, naquele momento, nenhuma noção da Teoria da Recepção de Jauss. Foi meu primeiro contacto com a mag(r)o poeta. Mais tarde um pouco, lançaríamos — Josse, Bel, Rey e eu — a nova edição de *Texto e Pretexto*, a capa seria, para nós, um presente gozoso do Multimax: duas colagens, duas obras de raro brilho.

Depois, já nos anos 90 (95?), o vestibular de nossas três maiores universidades, indicava como leitura cinco poemas de Max. Frequentávamos, como instrutores das oficinas da palavra, a Casa da Linguagem. E o velho moço, mais uma vez, era nossa referência, independentemente do time de craques que compunha a equipe da CL. Paciente ao nos receber, e, entre cigarros e livros, palavras e imagens, ele desfiava seu verbo, nos abeberávamos daquela fonte, uma espécie de líquido amniótico, para os futuros escritores.

## II

Nestes últimos dois anos, a pretexto de registrar em vídeo a obra do poeta, aproximei-me mais de Max Martins. Minhas visitas não se restringiram tão somente à Casa da Linguagem (espaço onde antes funcionara o antigo grupo Floriano Peixoto, em Nazaré), o mágico refúgio do artesão de palavras, mas se estenderam ao conjunto do IAPI, em São Braz, lugar no qual a Praça da Leitura vai metamorfosear-se na *da Poesia*, em homenagem, justa homenagem, ao autor de *Caminhos de Marahu*. Ele abriu-me as portas da casa. Dona Laís, sempre amável, foi, de chofre, com o meu jeito desengonçado. Esta minha intronização no casulo dos Martins, fez-me lembrar um texto, de *H´Era*:

A Casa

*Esta casa é uma ruína,  
Quase terreno baldio:  
Coração de minha mãe  
- esta terra de ninguém,  
está cheio e está vazio.  
Esta casa vem abaixo,*

*está prestes a cair.  
Esta casa foi à lua,  
esta casa foi um tronco,  
foi navio  
com seu mar encapelado e  
bandeiras em abril  
(minha mãe na capitânea  
na janela minha irmã).*

.....  
*Esta casa é uma ruína  
que dá pena a seus vizinhos.  
Sobem ervas nas paredes  
desta casa-Soledade  
encolhida pela vida  
que dentro dela cresceu;  
esta vida que é poeira  
esta vida que é silêncio  
esta vida que é fechada  
esta vida que é goteira  
nesta casa condenada.*

.....  
*Nesta casa ainda ressoa  
o pigarro de meu pai*

.....  
*Esta casa vai cair!  
Veio abaixo nossa vida,  
veio a chuva, foi-se o sol*

.....  
*Nossa mãe se ressequiu.  
Sua vida é esta máquina  
que de surda enrouqueceu*

.....  
*Mas é forte esta sua lida,  
sua máquina que não pára  
que nos cose e nos trabalha.*

Sem dúvida, vê-se evidenciada, na construção inicial de Max, a influência drummoniana. A busca da *re-cordis* de tom lírico, encharcado de drama pessoal, envolve-se através da busca da família do infante eu-lírico: o pigarro do pai, o coser fêmeo da mãe, arquiteta dos destinos familiares. Carlos Drummond de Andrade, de confessada presença (vê-se na dedicatória que o poeta mineiro enviou a seu par paraense, graças a intermediação de Haroldo Maranhão), pulsa forte na primeira fase da poética maxiana.

Sim, mas eu falava de minha intronização na casa E, bloco 17 do IAPI. Penetrei no santuário, onde, misturado a espirais de cigarros e livros empoeirados, o poeta, então, escutava, em suas bolachas pretas, músicas na pequena vitrola Phillips, e ministrava, mesmo sem ter ciência disso, aulas particulares. Eu discípulo. Os limiares da palavra se fundavam/fundiam em pilares mais uma vez.

Dali do IAPI saía, continuo a sair, meio tonto. Fumo, passivamente, quase um maço de cigarros num tempo de duas, três horas (é curioso o encontrar-se, entre conversas, descontraidamente. Max, certo dia, ditara-me o que fazer para conservar o cachimbo; eu lhe dissera que cachimbava - há dois ou três anos -, nos fins de semana. - *A gordura do rosto, esta é a melhor conservante para o verniz do cachimbo, sabias?...*). Mas o enebriamento que sinto não se resume a isso. Max, nos encontros destes anos, falou-me sobre sua correspondência com Age de Carvalho, seu *filho* poético, discorria sobre a criação literária, abordou sobre mores e dores, lia poetas de preferência íntima. Lorca? Confessou as influências marcantes: Casimiro de Abreu, Carlos Drummond de Andrade, Murilo Mendes. Mas o que me deixa mais encantado, além das leituras de seus próprios textos, bela dicção ele tem, é assistir ao mestre folhear seus diários. São cerca de cem.. Anos e anos de uma diária, fundamental e *devaneante* construção. Segundo o poeta, esta criação é totalmente diferente da dos poemas. Nos diários ele obedece a um quase impulso, fica aberto às provocações temáticas, uma carta, uma fotografia, uma crítica, uma abordagem (nosso velho senhor moço, ainda hoje, aos 74, fascina a gregos e troianos e recebe assédios vários).

### III

Sou réu confesso. Sempre tive dificuldade de teorizar sobre os meus escritores-mito. Assim se deu quando escrevi meu primeiro ensaio sobre Mário de Andrade (Mário, para mim, é o mais importante intelectual brasileiro deste século XX). Assim também foi escrever sobre Max Martins. Primeiro ensaiei a expressão através de algumas colagens



depois, minha ode:

Max imo.  
 Dos rios que ris,  
 entredentes,  
 entre-ris  
 rins que filtram-se  
 no Mar:  
 Marahus.  
 Se anamineses  
 anagramas:  
 xamã.

Tu és Max  
 Fiat lux,  
 E o verbo te fez,  
 anjo anelado.

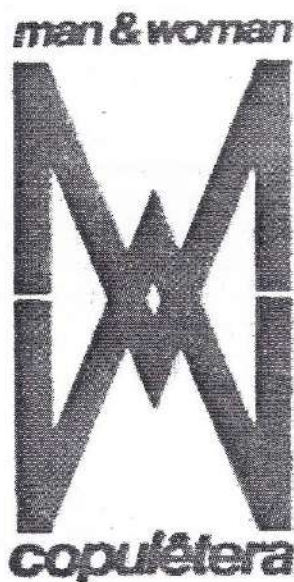
para, então, chegar ao texto acadêmico, que está registrado na revista *Moara*, da pós-graduação em Letras da UFPa.

#### IV

Max Martins está para a poesia brasileira contemporânea assim como Graciliano Ramos está para o romance do Brasil moderno. Pena, pena mesmo!, que o Brasil desconheça trabalho poético tão rico. Max Martins é exemplar original, que cria, teoriza, debate, ensina. Assim é o MultiMax. Certa vez, numa das provocações a que foi submetido acerca de literatura regional, ele disparou: *eu não escrevo sobre a Amazônia, a Amazônia é que me escreve!* Vê-se portanto a consciência de universalidade que a literatura maxiana encerra. A regionalice não chega nem de perto à prancheta do poeta do IAPI. Max Martins pertence a uma geração universal, instruída pelo mestre Francisco Paulo Mendes, uma geração que lia, no original, e discutia, então, os poetas universais. Seus pares: Benedito Nunes, Cauby Cruz, Alonso Rocha, Mário Faustino, Ruy Barata, Paulo Plínio, Mário Faustino.

Uma curiosa surpresa que percebemos na recente recepção da obra maxiana está relacionada aos vestibulares. Um estudante, entusiasmado com o que havia lido, indagou: Senhor, seu poema tem um significado? Ele disparou: *Não. Todo poema tem um significante. O significado não é importante. O significante é que faz um poema. O significante está sempre vivo. O significado varia...*

Sem dúvida, o mais contagiante poema entre os alunos do nível médio é o "copulêtera", o "Man&Woman". A sinuosidade e as possibilidades de sugestão: aracnerótica, ampulhetas, letras acasalando-se no lençol, tudo foi/ é matéria de prazer e curiosidade aos alunos que se depararam, grata surpresa!, com um poeta maduro, vivíssimo. Eis o texto, pós-concretista, cativante:



As letras estão para o papel como os corpos que se espraíam no lençol branco, manchado de orgasmo. Não há como desconhecer, na poesia de MM, a teoria de Roland Barthes: "O texto tem uma forma humana, é uma figura, um anagrama do corpo? Sim, mas de nosso corpo erótico. O prazer do texto seria irredutível a seu funcionamento gramatical (fenotextual), como o prazer do corpo é irredutível à necessidade fisiológica".

\* \* \* \*

O poeta que em mim faz escolas, retruca a fala de João Cabral, que não gostaria de música. Ele, afixionado em sua bolachas pretas, fechou-se ao advento do CD: *pouca visualidade, as capas são minúsculas, quase feias...* registre-se a impressão nesta minha colagem:



Verdadeiramente eu poderia, nesta minha crônica, passar horas a desfiar palavras, a decantar o poeta do engendramento, o *homo ludens*. Descerro o pano lembrando um poeminha d' *O mosquito que engoliu o boi*, parceria minha com Emmanuel Nassar:

Escrever

Que menino  
desajeitou  
O telhado do

meu sonho?

Santa Maria do Grão Pará, julho de 2000.



Max Martins com Age de  
Carvalho: roteiro poético.  
(1991) Foto: arquivo de *A  
Província do Pará*